

MOTIVOS DA ESCOLHA DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS POR MEIO DA MODELAGEM DE EQUAÇÕES ESTRUTURAIS

FACTORS THAT INFLUENCE STUDENTS IN CHOOSING UNDERGRADUATE COURSES IN BUSINESS ADMINISTRATION: A STRUCTURAL EQUATIONS MODELING APPROACH

Maurício Scagliante Bomtempo *

Federação Brasileira dos Bancos FEBRABAN

São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: mauricio.bomtempo@febraban.org.br

Dirceu da Silva

Universidade Nove de Julho – UNINOVE

São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: dirceus@uninove.br

Otávio Bandeira De Lamônica Freire

Universidade Nove de Julho – UNINOVE

São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: otaviofreire@uninove.br

RESUMO

O estudo analisa os fatores que influenciam os alunos na escolha pelo curso de graduação em Administração, e como esses fatores se relacionam. Parte-se de um recorte das teorias vocacionais existentes de ampla aceitação e de alguns estudos que abordam o tema. Promoveu-se o agrupamento dos motivos de escolha, segmentando-os em três categorias: Fatores Sociais, Fatores Psicológicos e Fatores Econômicos. Para análise da causalidade, estabeleceram-se três modelos, cada qual tendo como antecedente um desses fatores. Testou-se a adequabilidade dos modelos por meio de dados empíricos obtidos junto a 258 estudantes de cursos de graduação em Administração em quatro Instituições de Ensino Superior da rede privada da cidade de São Paulo. Utilizou-se como técnica estatística de análise a Modelagem de Equações Estruturais. De acordo com os critérios estabelecidos, os resultados indicaram maior aderência aos dados amostrais pelo modelo que estabelece fatores sociais como antecedentes no processo de escolha vocacional.

Palavras-chave: Curso de Administração, Escolha do Curso, Fatores que influenciam a escolha.

ABSTRACT

The study analyzes the factors that influence students in choosing undergraduate courses in Business Administration, and how these factors are related. The widely accepted vocational theories and studies are presented. Choice selection reasons were grouped into three categories: Social Factors, Psychological Factors and Economic Factors. Three models were established to analyze causality. The suitability of the models were tested using empirical data obtained from 258 undergraduate Business Administration students from São Paulo, studying at four private higher education institutions. Statistical analysis through Structural Equations Modeling was used to test the three theoretical-developed models. Results indicate that the social factors antecedent model had greater adherence to sample data in the process of vocational choice.

Keywords: Business Administration Course, Course Choice, Factors Influencing Choice.

Data de submissão: 13 abr. 2012.

Data de aprovação: 21 jul. 2012.

INTRODUÇÃO

Influenciado pelo grande volume de alunos que buscam cursos de graduação em Administração, o presente estudo teve início a partir do interesse despertado para investigação dos fatores que conduzem o candidato a pretender tais cursos na edificação de suas carreiras.

O questionamento informal com alunos de diversas carreiras apresentou imagens do curso de Administração no mínimo instigantes, mesmo relevando a carência de informações e os sentimentos característicos que envolvem o jovem na adolescência, fase em que geralmente ocorre a escolha vocacional e permeada por incertezas e falta de conhecimentos sobre os aspectos da profissão que escolheu.

Contudo, a evolução do estudo por meio da pesquisa com autores que trataram o tema, descortinou uma questão ainda mais profunda: como se relacionam os fatores de influência decisórios internos (pessoais) e externos (econômicos e sociais) no processo de escolha? A preocupação em analisar a antecedência de fatores no comportamento do jovem frente à opção vocacional, estimulou o desenvolvimento de um modelo teórico que passe a considerar algum relacionamento viável corroborado por uma base empírica trabalhada junto a alunos deste curso. Também os objetivos deste trabalho são:

- Geral: Desenvolver e testar um modelo teórico que represente os fatores antecedentes e consequentes que influenciam o aluno na decisão pelo ingresso no curso superior de graduação em Administração.
- Específicos: 1. Identificar os fatores que influenciam o aluno a optar pelo curso de graduação em Administração; 2. Construir indicadores que permitam apurar o grau de concordância, sob a ótica discente, com os fatores relacionados; 3. Compor construtos que contemplem a natureza (interna ou externa) dos fatores de influência e 4. Investigar as possíveis relações de causalidade ou dependência desses construtos.

Procurando apresentar adequadamente os resultados do estudo, o artigo estrutura-se a partir desta introdução, seguida da revisão das teorias vocacionais. O terceiro tópico apresenta uma discussão acerca dos motivos de escolha de cursos de graduação. Na sequência, desenvolve-se a construção inicial dos modelos e posteriormente, apresentam-se os procedimentos metodológicos que garantiram a boa execução das análises. Finalmente, promove-se a análise e discussão dos resultados. A título de fechamento, são delineadas considerações finais, sintetizando o estudo, apresentado seus limites e implicações para pesquisas futuras.

REVISÃO DAS TEORIAS VOCACIONAIS

Para elucidar as dúvidas e questionamentos, encontraram-se no contexto das teorias vocacionais argumentos e conceitos aderentes ao tema. A exploração dessas teorias limitou-se a observar a colaboração na explicação dos fatores de influência na escolha, em particular pelo curso de graduação em Administração.

Constatou-se em revisão literária a existência de uma ampla diversidade dessas teorias, cada qual abordando a escolha profissional segundo uma dimensão particular, em certos aspectos permitindo uma complementaridade para o subsídio aos orientadores. Silva (1996) também conclui sobre a parcialidade das teorias existentes, mas garante que duas instâncias – afetiva e socioeconômica – são determinantes na escolha da profissão e aponta a necessidade de mediação e articulação entre elas.

Pela adequação e estruturação apresentada, este trabalho toma por base uma classificação das teorias proposta por Crites (1974), destacada por sua ampla utilização nos estudos do tema. O autor divide as teorias vocacionais em grandes grupos: **psicológicas**, **não-psicológicas (sociológicas e econômicas)** e **gerais** (interdisciplinares). Foram selecionadas, dentro de cada um dos grupos, algumas teorias de especial relevância para o propósito da pesquisa que favorecessem a criação de indicadores relativos a fatores de influência passíveis de mensuração junto a alunos.

Teorias psicológicas

A abordagem psicológica estabelece a escolha profissional vinculada a características pessoais do indivíduo. As teorias enquadradas nesta segmentação procuram explicar os fatores psicológicos envolvidos no processo da escolha e no ajustamento profissional, com o pressuposto básico da liberdade de opção, do controle e poder das pessoas sobre o seu destino. Dentro desta categoria, destacaram-se quatro teorias, cujas essências são a seguir apresentadas:

- a) A Teoria do Autoconceito e do Desenvolvimento Vocacional, de Super e Bohn Jr. (1980), que evidencia a exploração da carreira ao longo da vida, e não a escolha profissional ocorrendo num dado momento. Os autores destacam o autoconceito, continuamente alterado a partir das experiências com outros indivíduos e nas situações da vida, como um conceito particularmente útil no relacionamento de personalidade e ocupações. Para eles, as características pessoais terminam por orientar a escolha pela profissão, a partir da imagem que fazem de profissionais das diferentes ocupações, e sua identificação com essas pessoas. E, quando uma pessoa escolhe uma profissão, está elegendo um modo de atualizar seu conceito de si mesma. (SUPER; BOHN JR., 1980).
- b) A teoria de Gelatt (1962), que propõe um sistema racional para o indivíduo decidir entre duas ou mais alternativas. Seu modelo prevê três fases para o processo de escolha: por meio de um sistema preditivo, o indivíduo avalia as alternativas possíveis, as consequências das decisões, e a probabilidade de que elas ocorram; na sequência, estabelece como desejáveis aquelas que ele valoriza como fonte de prazer; finalmente, utilizando um critério de decisão,

ele seleciona a alternativa, confrontando a probabilidade de concretizá-la e a sua desejabilidade.

- c) A teoria de Hershenson e Roth (1966), que estabelece que o indivíduo toma sucessivas decisões, afunilando as alternativas de escolha, de forma que se torna muito difícil reverter os primeiros descartes no final do processo decisório. O processo desenvolve-se, assim, por duas tendências: progressiva eliminação de alternativas e reforço das alternativas não excluídas, restringindo gradativamente a gama de opções e aumentando a certeza de decisão (PIMENTA, 1979).
- d) A teoria tipológica de Holland (1975), que concebe seis diferentes tipos de personalidade, onde cada tipo é o resultado da interação entre uma herança determinada e uma variedade de fatores culturais e pessoais, que criam no indivíduo características de capacidades perceptivas e predisposições especiais, valores e aspirações voltadas para determinado tipo de trabalho. Ainda, o autor apresenta que: “As pessoas buscam ambientes e vocações que lhes permitam exercer suas habilidades e capacidades, expressar suas atitudes e valores (...)” (HOLLAND, 1975, p.23).

Essa teoria contempla que nenhum indivíduo é um “tipo puro”, mas concentra predominantemente as características de um dos tipos. O gerente de negócios, nesse contexto, é enquadrado predominantemente no tipo *Empreendedor*, que se vê como: dominante, sociável, aventureiro, impulsivo, desejoso de alto status, com alto nível de habilidades verbais e de liderança, agressivo, com tendência prática e autoconfiante (MARTINS, 1978).

Teorias sociológicas

As teorias concebidas sob esta abordagem destacam a influência da cultura e da sociedade no processo de escolha. Assim, são relacionados como determinantes da escolha vocacional: a classe social, as oportunidades de educação e cultura, de qualificação profissional e de trabalho, a família, a religião e outros agentes transmissores de valores, a raça, a nacionalidade.

A Teoria do Acidente estabelece que a escolha ocupacional é devida em grande parte a *acidentes*, assim entendida eventos ou condições fora do controle do indivíduo (SUPER; BOHN JR., 1980).

O adolescente realiza sua opção dentro daquilo que o meio lhe permite escolher. A cultura e a sociedade onde vive são elementos que o conduzem na formação dos objetivos vocacionais. A escolha ocupacional ocorre dentro de uma relação de profissões compatíveis com a classe social a que pertencem. Os adolescentes têm consciência do prestígio diferencial das profissões e sabem a posição de suas famílias nesse sistema de prestígio.

Chanlat (1995) defende o “enraizamento social das carreiras”. No seu entendimento, independente do tipo, toda sociedade estabelece as condições por meio das quais as carreiras profissionais desenvolvem-se no âmbito de seu próprio ciclo de vida, florescendo, desenvolvendo-se, e desaparecendo. É a cultura e a estrutura social de cada sociedade que acabam por modificar as

configurações ocupacionais e os modelos de carreira, interferindo assim nas possibilidades da escolha vocacional pelo aluno. Um argumento adotado por alguns autores para fortalecer a abordagem sociológica é a constatação do significativo número de pessoas que trabalham em áreas diferentes da sua formação acadêmica.

Teorias econômicas

As teorias econômicas da orientação profissional procuram identificar os fatores de natureza econômica que levam os indivíduos a escolher uma determinada profissão, e os fatores responsáveis pela concentração diferenciada de pessoas por entre as profissões. Assim, teriam influência na escolha da profissão aspectos como demanda de mão-de-obra, política salarial, aspectos econômicos, eventualmente vinculados a determinantes como desenvolvimento tecnológico, crescimento populacional, dentre outros.

Os economistas contemporâneos incluem outras variáveis influenciadoras da escolha vocacional, como: prestígio das ocupações, estabilidade e segurança no emprego, exigências de habilidades do trabalhador, efeitos dos ciclos econômicos e das mudanças na estrutura de classe, dentre outros (FOLMER-JOHNSON, 2000; PIMENTA, 1979).

Teorias gerais

As teorias gerais representam um esforço no sentido de reunir as diversas contribuições, valorizando aspectos pessoais e ambientais na escolha ocupacional.

Nesta categoria, o modelo de maior destaque na literatura é o esquema conceitual de Blau et al. (1968), segundo o qual o ingresso do indivíduo numa determinada ocupação é resultado de dois processos: o de escolha e o da seleção ocupacional. Em ambos, há influência da estrutura social: no processo de escolha, influencia o desenvolvimento da personalidade, e no processo de seleção ocupacional, define as condições socioeconômicas em que ele ocorre.

Contudo, as críticas feitas às teorias gerais concentram-se na sua natureza superficial, que relacionam apenas intuitivamente pressupostos, hipóteses e conceitos, faltando-lhes desenvolvimentos metodológicos para consolidarem-se como modelos teóricos abrangentes. Silva (1996) expressa que mesmo Blau et al. (1968) preferiram não chamar de teoria seu trabalho, mas de “quadro teórico” para a escolha e seleção ocupacional. Despertam, entretanto, a importância de tratar os fatores de influência na escolha vocacional sob o aspecto da interdisciplinaridade.

AS RAZÕES DA ESCOLHA DO CURSO

Complementarmente aos modelos teóricos selecionados buscou-se na literatura alguns estudos e abordagens relacionados ao tema. Os prováveis motivos que levam os estudantes a optarem por um determinado curso ou carreira tem sido avaliados, em especial, na esfera da Orientação Profissional e desenvolvimento de carreira, junto a uma área específica de atuação ou para um conjunto de áreas, e com estudantes em diferentes estágios. As razões identificadas, em

geral, são muito semelhantes, e pouco caracterizadas como específicas a um determinado curso ou área.

Com o amparo dos estudos de Oliveira (2001), Folmer-Johnson (2000), Luz Filho (2000), Godoy, Santos e Moura (2001) e Cardoso e Sampaio (1994), complementados pelos modelos teóricos vocacionais apresentados anteriormente, foi possível destacar nove razões básicas e não excludentes de influência mencionados ou subentendidos pela relevância diferenciada que representam para a escolha do curso de Administração. Tais razões inseridas nos três pré-fatores sugeridos pelos modelos teóricos escolhidos e a partir disto foram geradas 32 assertivas ou indicadores, apresentados no quadro 1.

Influência familiar e de outros grupos

A influência familiar é um dos fatores comumente apresentados nos estudos sobre o tema. Há, por um lado, uma necessidade do filho se identificar com seus pais e de representar um “modelo de adulto”, mostrando a chegada de uma fase madura. Muitas vezes, ao optar pela profissão, consolida sua posição como membro da família e encontra seu lugar na descendência familiar (SOARES-LUCCHIARI, 1997).

Por outro lado, os pais projetam carreiras para seus filhos, à partir de suas próprias expectativas e visão, fundamentadas pelas experiências vivenciadas. Criam um modelo com o qual o filho deveria se parecer, e internalizá-lo por meio de comentários, sugestões e manifestações cotidianas, envoltas em laços afetivos (WHITAKER, 1985).

A indicação ou sugestão de carreira feita por grupos de amigos também tem mostrado ser relevante na escolha do curso pelos jovens, como reflexo do próprio processo de socialização pela qual eles passam na fase da adolescência, período em que geralmente ocorre a decisão vocacional. Além dos pais e amigos, também são destacados exercerem influência na escolha da profissão os professores, os namorados e outros membros da família (avós, tios, primos) (PFROMM NETTO, 1979).

Vestibular e oferta de vagas

A grande concorrência que existe para ingresso em alguns cursos pode desestimular os alunos à escolha de uma carreira preferencialmente desejada, já que encaram como fracasso às tentativas de ingresso malsucedidas, provocando acentuada diminuição da autoestima. A pressão exercida pelo sistema educacional e pela sociedade de maneira geral sobre os alunos acarreta ansiedade, preocupação e falta de confiança no sucesso. Diante de um quadro complexo, de medo, inibição e angústia, agravados ainda por expectativas familiares, condições socioeconômicas, mercado de trabalho, dentre outros, torna-se compreensível a opção do jovem por cursos em que a proporção de candidatos por número de vagas seja relativamente baixa, configurando-se como oportunidade associada a maiores chances. Dessa forma, cursos cujos investimentos para criação e manutenção são menores – como é o caso de Administração – passam a ter aumentado sua oferta,

destacadamente nas instituições de ensino particulares, considerando a possibilidade de maior lucratividade que oferecem. (SOARES-LUCCHIARI, 1993).

Falta de informações e criação de estereótipos

A escolha de um curso de graduação, tratando-se de processo decisório, ocorre com maior confiabilidade na medida em que o indivíduo tem maior e melhor informação sobre os cursos alternativos e profissões e sobre si próprio (aptidões, personalidade, interesses). As informações que chegam ao jovem são, normalmente, assimiladas de opiniões de pessoas com quem estabeleceu um vínculo positivo. São particionadas, não estruturadas, incompletas e pouco esclarecedoras, e que acabam por alimentar sua insegurança no processo de decisão. Ou ainda são informações veiculadas em publicações disponíveis no mercado, e que apresentam um conteúdo restrito e parcial. (LEVENFUS; NUNES, 2002).

O curso de Administração é geralmente citado nesse tipo de publicação, e não raras vezes colocado como “em alta no mercado”. A profissão é associada ao prestígio e sucesso empresarial, portadora de amplo reconhecimento, com diversificadas possibilidades de atuação e com significativa disponibilidade de emprego.

Ungricht (1966), discorrendo sobre os fatores da escolha profissional menciona que, influenciado pelo desconhecimento suficiente das profissões, o jovem idealiza as profissões segundo suas crenças e segundo seus desejos. A escolha, assim, fundamenta-se na construção mental que delas faz.

Gosto e identificação pessoal

Um número significativo de respostas de estudantes apresentadas nas pesquisas relativas ao tema de escolha profissional aponta sua opção por motivos de **gosto**, identificação com a área. O fator gosto aparece, ainda, em referências negativas, diretamente a uma área ou a uma característica identificadora da área – por exemplo, em citações como “Não gosto de Psicologia”, ou “Não vou seguir medicina porque não gosto de Biologia”. Nesse caso, o estudante limita seu universo de escolha eliminando as profissões que tem segurança não guardarem afinidade com suas aptidões e satisfações pessoais. (BOHOSLAVSKY, 1977; CASTANHO, 1988)

Mercado de trabalho

As escolhas dos cursos universitários e das carreiras profissionais não estão dissociadas do mercado de trabalho e modelo econômico em que estão inseridas. Os reflexos sociais deles decorrentes – como desemprego, violência, desigualdades, pobreza, fome, dentre outros, são percebidos pelos candidatos, notadamente nos ambientes familiar e escolar.

Nesse contexto, o curso de graduação em Administração surge como uma opção pela imagem consolidada de um curso direcionado para o conhecimento da atuação das organizações, suas estratégias, estruturas e funcionamento.

O mesmo fato se dá, sob outro ângulo na ideologia liberal, que há décadas está presente nos estudantes, principalmente naqueles que assumem por antecedência a herança familiar na condução de empresas, ou naqueles que buscam a “independência” por meio da edificação de negócios autônomos. E o “sonho de ter o seu próprio negócio” cresce na medida em que as crises econômicas agravam-se. A propósito os dados do INEP (BRASIL, 2002) mostram uma concentração nos cursos com as características supostamente reconhecidas pelos candidatos e comentadas aqui.

Publicidade

Outra possibilidade de influência, ainda pouco mencionada pelos autores como efetiva na decisão do candidato, é a propaganda publicitária conduzida pelas Instituições de Ensino Superior da rede privada, universo que abriga o grande volume de alunos dos cursos de Gerenciamento e Administração.

Uma posição dessa questão foi tratada por Sampaio (2000: 345-366). Segundo a autora, a partir da primeira metade da década de 90, como reflexo da expansão da rede particular de ensino, teve início uma ampla divulgação pelas instituições, de seus cursos e de sua infraestrutura, fazendo uso principalmente de *folders* publicitários e outras formas impressas, além de anúncios, *outdoors* e vídeos, de alta qualidade visual.

A sedução da universidade é fortemente marcada pela visão de cursos orientados para as necessidades de mercado, antecedendo exigências futuras decorrentes de mercados globalizados. Os cursos são apresentados como em total sintonia com as demandas da sociedade, caracterizados no contexto da inovação. A vastíssima gama de “ênfases” e variações que caracterizam os cursos de Gerenciamento e Administração é exemplo claro dessa estratégia.

Algumas instituições destacam o conceito obtido do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), como mostra da qualidade de seu ensino e de seus cursos. Outras enfatizam a tradição, fazendo referência a sua trajetória histórica, garantindo experiência, competência, credibilidade e solidez. Todos esses apelos procuram incitar o candidato a consumir um “produto” que se apresente em conformidade com suas expectativas e projetos de vida. São estratégias resultantes de uma visão mercantilista da educação, beneficiadas por uma universidade que se estrutura a partir de uma visão organizacional de grande empresa, orientada pelo mercado (CHAUÍ, 2001).

Prestígio e sucesso profissional

O *status* de “comandar pessoas”, a remuneração atraente, os benefícios muitas vezes concedidos, fazem do “cargo gerencial” um sonho de realização juvenil, estereotipado como função de realização pessoal plena. (CHAUÍ, 2001).

A grande veiculação na mídia de entrevistas com executivos e empresários bem sucedidos, apresentando experiências profissionais e ações de gestão que proporcionem benefícios a suas organizações, geralmente como resultado de sua visão pessoal de negócio, reforçam a imagem do curso de Administração associado ao prestígio e sucesso profissional.

Aperfeiçoamento profissional

Não raro encontramos alunos que ingressam na força de trabalho em fase pré-universitária, geralmente por necessidades econômicas, até mesmo como meio para obtenção de recursos que possam permitir o pagamento das mensalidades escolares. Este ingresso prematuro, sem uma maior qualificação para o exercício de uma dada profissão, restringe-lhes a ocupação a cargos de natureza administrativa – como auxiliares ou assistentes em funções rotineiras, dentro de alguma das áreas da empresa. Esta primeira aproximação, com a área administrativa pode se constituir em um forte fator de influência na escolha do curso, que passa a ser visto como um meio para ascensão profissional e de progressão na carreira dentro da empresa.

As pesquisas conduzidas para apuração de motivos de escolha de curso mostram com frequência a existência de respostas confluentes a esta visão (“melhorar posição no emprego”, “necessidade profissional”, “melhorar a capacitação”, dentre outras) (CARDOSO; SAMPAIO, 1994, p. 37).

Viabilidade financeira

As restrições ou incentivos financeiros que o estudante se depara no momento de sua escolha pode levá-lo a optar por carreira que apresente características mais apropriadas à sua condição econômica. Assim, podem constituir-se em influenciadores na escolha cursos oferecidos com menores mensalidades, ou que possuam duração compatível com sua capacidade de pagamento. Ou ainda a localização da Instituição Superior de Ensino, que lhe permita facilidade de acesso, ou a disponibilidade de estacionamento, segurança, dentre outros.

Um estímulo adotado por algumas instituições (aqui não citadas por motivos éticos), notadamente as de natureza privada, para aumentar o número de candidatos é a isenção da taxa de inscrição para o vestibular. Outros incentivos são ainda a concessão de bolsa de estudo e o desconto nas mensalidades.

CONSTRUÇÃO INICIAL DOS MODELOS

Uma vez procedida a revisão bibliográfica para a construção da escala de Likert e identificada a técnica de Modelagem de Equações Estruturais (*Structural Equation Modeling – SEM*) como a abordagem estatística recomendada para a identificação de causalidade entre os fatores de escolha vocacional, passou-se à construção dos modelos em duas etapas: inicialmente compondo o modelo estrutural, e posteriormente definindo os modelos de medidas. Essas etapas são detalhadas a seguir.

Composição estrutural

A construção dos modelos de análise parte do estabelecimento inicial dos *construtos* que constituirão o modelo estrutural.

Guiado pelas teorias revisadas, este estudo apoia-se na classificação de Crites (1974), que agrupa as teorias vocacionais de acordo com sua natureza, em Psicológicas, Sociais, Econômicas e Gerais. Considerando, porém, que a categoria das Teorias Gerais abriga modelos que procuram ajustar características individuais e ambientais na explicação da escolha vocacional, é possível inferir-se que os aspectos centrais (predominantes) focados nessas abordagens – psicológicos, sociais e econômicos - sejam aceitos como construtos, representativos dos fatores de influência no processo de decisão pelo curso superior e carreira associada.

De forma específica, o interesse então é investigar como se associam os fatores sociais (FS), fatores psicológicos (FP) e fatores econômicos (FE), reconhecendo que todos explicam a opção final do candidato.

Na modelagem de equações estruturais, mesmo quando o ajuste é bem aceito, outros modelos podem apresentar ajuste igualmente bom ou superior, motivo pelo qual é recomendada à comparação com modelos alternativos (“rivais”). Selecionou-se então para análise, três diferentes composições estruturais, tomando-se como variação fundamental o fator antecedente (tratado também como variável independente ou exógena) nas relações de causalidade.

Os sentidos de causalidade entre os construtos contemplaram, além da relação linear e aditiva entre os fatores, também a *recursividade* (fluxo causal em sentido único) e um número de trajetórias que evitassem a *saturação* do modelo, isto é, uma quantidade de caminhos ou parâmetros a serem estimados menor ou igual ao número de covariâncias entre as variáveis.

Elegeu-se como modelo nulo, pela convicção de ser o que melhor representa o relacionamento entre os construtos, o denominado “Modelo S”, que se caracteriza por apresentar o fator social como antecedentes dos demais fatores. Pressupõe-se, nessa hipótese, que os elementos da cultura e sociedade, como classe social, educação, família, religião, dentre outros, seriam os elementos iniciais no processo de escolha pelo curso de Administração. O indivíduo, assim, seria levado a optar pela força que esses fatores sociais estariam exercendo sobre ele ao longo de sua formação. Os condicionantes sociais estariam, por outro lado, influenciando aspectos econômicos como políticas salariais, demanda profissional, crescimento populacional, que simbolizariam os condicionantes econômicos como fator de escolha. Finalmente, esse aspecto contribuiria para

modificar concepções individuais (psicológicas) dos alunos, exercendo pressão para a escolha. Esquemáticamente, essa relação de causalidade pode ser representada por: FS→FE→FP.

No primeiro modelo alternativo, chamado de “Modelo P” – Antecedentes Psicológicos –, estabeleceu-se que os fatores psicológicos seriam antecedentes no processo decisório, sob a premissa da liberdade das pessoas na condução de seus destinos. Complementando a relação entre os construtos, esse modelo prevê que os fatores sociais também seriam responsáveis pela geração de parte dos fatores econômicos. Tem-se como representação dessas relações: FP→FS→FE.”

O segundo modelo alternativo, chamado de “Modelo E”, construído estabelece os fatores econômicos como influenciadores dos demais. Essa consideração encontra respaldo nas teorias econômicas, e em especial em Ungricht (1966), que conclui como fator antecedente determinante da escolha profissional a estrutura econômica e seu reflexo sobre o jovem. As circunstâncias de mercado conduziram os demais fatores à opção pelo curso. O modelo considera também que os fatores psicológicos seriam causadores de parte dos aspectos sociais. Os construtos apresentam a sequência: FE→FP→FS.

Modelos de medidas

Não sendo possível a mensuração direta, os construtos foram medidos por meio de *indicadores*, representados pelos motivos de escolha do curso na percepção manifesta dos estudantes de Administração, dentro de um rol de alternativas consolidadas dos fatores de influência revisados na bibliografia pesquisada.

A construção inicial dos indicadores dos modelos levou em consideração os nove fatores básicos de influência, compilados dos estudos e literatura revisada, e as teorias vocacionais selecionadas, segmentadas pelos construtos. A validação inicial desses indicadores e constatação de a qual construto eles estariam relacionados foi feita por profissionais das áreas de Educação, Administração, Psicologia e Economia. As descrições dos 32 indicadores, segundo as dimensões estabelecidas, estão indicadas no Quadro 1.

QUADRO 1: Relação inicial de indicadores obtidos pela revisão da literatura

Dimensões (Constructos)	Variáveis ou Indicadores
Psicológica	IP2 – Imaginei que ele me traria maior prazer que os demais
	IP3 – Recebi pressão da empresa onde trabalho / trabalhei
	IP4 – A imagem da Instituição é boa (tradição, experiência, credibilidade, qualidade)
	IP5 – É a profissão que melhor contribui para meu desenvolvimento pessoal
	IP6 – Amplia minha cultura geral e meu desenvolvimento intelectual
	IP7 – Tenho habilidades verbais, de liderança, interpessoais e outras típicas do Administrador
	IP8 – É uma carreira que proporciona autonomia de atuação, preparando-me para ter meu “negócio próprio”
	IP9 – É um curso que apresenta menor dificuldade de compreensão
	IP10– Nenhum outro curso me interessou
	IP11– Tive boas recomendações de amigos, gerente, professores, outros
	IP12– Tive sugestão de familiares
	Social
IS2 – Pretendo conduzir a empresa da família	
IS3 – Proporciona ascensão profissional mais rápida	
IS4 – A Instituição fica num local conveniente (acesso, segurança, estacionamento)	
IS5 – É um curso muito procurado pelas pessoas atualmente	
IS6 – Permite-me alcançar mais rapidamente um cargo gerencial ou diretivo	
IS7 – Temos tradição familiar nessa carreira	
IS8 – É um curso que se mantém atualizado com as evoluções de mercado	
IS9 – É uma profissão sólida, que dá estabilidade e segurança no emprego	
IS10– A profissão me permite atuar em diferentes áreas / segmentos da empresa	
Econômica	IE1 – Tem mensalidade de valor mais baixo
	IE2 – A profissão proporciona melhor remuneração
	IE3 – A profissão oferece maiores ofertas de emprego
	IE4 – É uma profissão compatível com minha condição social
	IE5 – Tem duração compatível com minha situação financeira
	IE6 – O mercado de trabalho não está saturado para essa profissão
	IE7 – Identifico-me com os profissionais da área
	IE8 – Tive custeio da empresa onde trabalho / trabalhei para fazer esse curso
	IE9 – Complementa a ocupação profissional atual
	IE10 – A instituição oferecia facilidades financeiras (bolsa de estudo, inscrição gratuita para o vestibular, desconto na mensalidade etc)

Fonte: Elaborado pelos autores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Delineados os modelos iniciais, teve início o processo de ajuste com a apuração de dados que permitissem promover alterações para sua melhor aderência.

Levantamento da base empírica

A técnica de levantamento adotada foi a de *corte transversal*, que coleta as informações de todas as variáveis simultaneamente. O instrumento de levantamento dos dados, validado por um grupo de educadores e ajustado após aplicação a um grupo de alunos (pré-teste), mensurou os indicadores (possíveis motivos de escolha) por meio de assertivas onde o respondente manifestava seu grau de concordância dentro de uma escala ordinal de Likert com cinco graduações (concordo totalmente, concordo, indiferente, discordo e discordo totalmente).

Para permitir o tratamento estatístico por meio da Modelagem de Equações Estruturais (SEM), assumiu-se que a escala ordinal adotada possa ser considerada como escala métrica. Essa adoção encontra respaldo em muitas pesquisas da área de ciências sociais, não obstante questionamentos de vários autores. O uso da escala ordinal, uma das possíveis causas de violação da condição de distribuição normal multivariada dos indicadores, exigiu alguns cuidados no tratamento das informações, como o uso da matriz de correlação policórica e a aplicação de métodos alternativos de estimação.

A determinação da quantidade de participantes da pesquisa considerou posição de MacCallum e Austin (2000), Crowley e Fan (1997) e especialmente de Hair Jr. et al. (1998), segundo os quais, na medida em que aumentamos o tamanho amostral, o método de estimação por Máxima Verossimilhança (MLE) – o procedimento mais comum de estimação e que foi um dos usados neste estudo - aumenta sua sensibilidade em detectar diferenças entre os dados, fazendo com que todas as medidas de ajustamento acusem ajustes “pobres”. Os autores, mesmo ressaltando que não existe um tamanho amostral correto, recomendam a adoção de uma quantidade em torno de 200 observações ou ainda de pelo menos cinco sujeitos por assertiva. Sob essa diretriz, foram pesquisados 258 alunos do período noturno de quatro Instituições de Ensino Superior privadas da Grande São Paulo, cursando 3º e 4º anos e “ênfases” (Marketing, Análise de Sistemas, Comércio Exterior, Geral), de forma a refletir visões diferenciadas. Os dados foram coletados entre março e maio de 2005. Neste caso, obtiveram-se mais de oito sujeitos por assertiva, o que pode ser considerado, à luz da literatura especializada citada, como sendo adequada.

Cabe observar que a técnica de amostragem empregada, conhecida como *amostragem por conveniência*, foi empregada por motivos velocidade de acesso, facilidade de levantamento e bom nível de cooperação (MALHOTRA, 2001). Têm, porém, sérias limitações no tocante à representatividade da população, e muito cuidado deve ser tomado na generalização dos resultados.

Preparação dos Dados

Para a avaliação do modelo em seus componentes de medida e estrutural, houve uma preparação inicial dos dados apurados. Com o apoio do módulo PRELIS2, um pré-processador do software estatístico LISREL 8.5, foi feita a leitura dos dados brutos e o tratamento dos dados não informados (*missing data*). Nesse caso, considerando a baixa proporção de informações não respondidas (menos de 0,6%), adotou-se o critério de eliminação *listwise*, segundo o qual todos os casos com observações faltantes são desconsiderados.

Nesta etapa, ainda, foi eleita a matriz de entrada dos dados. A modelagem de equações estruturais usa somente a matriz de correlações ou de variância-covariância para estimação, já que seu foco não está nas observações individuais, mas no padrão de relacionamento através dos respondentes. Assim, e considerando que todas as variáveis são ordinais, utilizou-se o PRELIS2 para o desenvolvimento das matrizes de correlações policórica e a matriz de covariância assintótica para estimação dos parâmetros, seguindo recomendação de Jöreskog e Sörbom (1993) e de Hair Jr. et al. (1998).

Critérios de análise, de avaliação e de ajustes

A avaliação individual dos construtos contemplou a validação dos modelos de medidas de cada um dos construtos FS, FP e FE aplicando-se a Análise Fatorial Confirmatória (*Confirmatory Factor Analysis - CFA*).

Não houve indicadores considerados “referenciais” como unidade de medida para seu respectivo construto, ou seja, não se assumiu previamente que quaisquer indicadores fossem uma medida perfeitamente confiável e válida da variável que ele presumivelmente mede (PEDHAZUR, 1997). Como consequência, não houve a fixação unitária de nenhum coeficiente no modelo de medidas.

A validação dos modelos de medidas de cada construto foi realizada a partir de sucessivos ajustes. Em cada processo foram verificados os índices de ajustamento descritos a seguir, baseado em recomendações de autores do modelo (JÖRESKOG; SÖRBOM, 1993), e complementado por informações geradas pela opção “Índices de Modificação” programada no LISREL, que aponta quanto se espera diminua o qui-quadrado se uma determinada re-estimação acontecer (JÖRESKOG; SÖRBOM, 1993).

- a) **Unidimensionalidade dos construtos:** para verificar se os indicadores estabelecidos representam de fato um único construto, observou-se se cada valor da matriz de resíduos normalizados do construto era menor que 2,58, em módulo, a um nível de significância de 5%.
- b) **Confiabilidade do construto:** a consistência interna dos indicadores do construto e a adequabilidade das escalas foram avaliadas de acordo com Hair Jr. et al. (1998), sendo: $(\sum \lambda_j)^2 / [(\sum \lambda_j)^2 + \sum \epsilon_j]$,

Onde: λ_j é a carga fatorial padronizada do indicador j , e ϵ_j o respectivo erro de mensuração.

Segundo os autores: “um valor comumente usado para aceitação da confiabilidade é 0,70, embora esse não seja um padrão absoluto, e valores abaixo de 0,70 tem sido aceitos se a pesquisa é exploratória em sua natureza”.

- c) **Validade do construto:** a constatação se o instrumento mede aquilo que se propõe mensurar foi feita verificando-se a extensão em que os indicadores são capazes de medir a variável latente (construto). Observou-se a grandeza das cargas fatoriais, adotando-se como referencial o valor de 0,50.
- d) **Medidas de Ajustamento:** A conveniência de se promover alterações no modelo, buscando maior adequação dos construtos, é feita por meio de medidas de ajustamento que, de forma geral, quantificam as variações da matriz de entrada observada com aquela predita pelo modelo proposto ou comparam o modelo proposto com um modelo nulo.

Neste estudo foi selecionado, inicialmente o *Qui-quadrado ponderado* (χ^2 / graus de liberdade). Em razão do uso da matriz de covariância assintótica como dado de entrada no sistema, o qui-quadrado utilizado foi o da Teoria Normal de Mínimos Quadrados Ponderados, identificado por Jöreskog e Sörbom (1993) no programa LISREL como C2. Isso permitiu a comparação dos módulos segundo o método de estimação ULS, além do MLE. O critério que o presente estudo adotou, no caso dessa medida, foi aceitar valores abaixo de cinco (5,0). Como esse índice é muito sensível ao tamanho amostral, outros índices foram considerados na análise: *Goodness-of-fit (GFI)*, *Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI)*, *Normed Fit Index (NFI)*, *Nonnormed Fit Index (NNFI)* e o *Comparative Fit Index (CFI)*. Este último, em especial, é destacado por Hair Jr. et al. (1998) como sendo a medida mais apropriada em estratégias de desenvolvimento de modelos ou em situações de amostra pequena. Para todos esses índices foi adotado o valor referencial de 0,9. Ao lado destes, observou-se também o *Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA)*, considerando-o aceito quando menor que 0,08. (JÖRESKOG; SÖRBOM, 1993).

A avaliação dos modelos integrados (“Modelo S”, “Modelo P” e “Modelo E”), buscou a compreensão das relações estruturais hipotetizadas. Os ajustes dos modelos estruturais usaram a análise de regressão múltipla para apurar os efeitos causais entre as variáveis, calculando os “coeficientes de caminho” (*path coefficients*).

Embora o procedimento mais comum para estimação desses parâmetros seja o método da Máxima Verossimilhança (*Maximum Likelihood Estimation – MLE*), optou-se pela utilização adicional de outras técnicas de estimação, na tentativa de melhorar o ajuste do modelo aos dados da pesquisa, considerando que a natureza ordinal dos dados poderia comprometer a condição de normalidade multivariada dos indicadores, forte pressuposto do MLE.

Os métodos alternativos escolhidos foram o dos Mínimos Quadrados Generalizados (*Generalized Least Squares – GLS*), o dos Mínimos Quadrados Ponderados (*Weighted Least Squares – WLS*) e o dos Mínimos Quadrados Não ponderados (*Unweighted Least Squares – ULS*). Em cada um deles, sob a estrutura de antecedentes sociais, foram verificados não só os valores adotados no ajuste dos modelos de medidas, mas também os *t-values* dos coeficientes de regressão, calculados pelo quociente entre o valor estimado e seu erro padrão. Adotou-se o valor 1,96 (nível de

significância de 5%), acima do qual o modelo foi considerado como tendo validade preditiva (HAYDUK, 1987).

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O modelo de medidas inicial, contendo todos os indicadores adotados foi submetido à estimação pelo método da Máxima Verossimilhança (MLE) e para o modelo nulo (antecedentes sociais – “Modelo S”), apresentou medidas de ajustamento que, no geral, distaram muito dos níveis de aceitação considerados razoáveis para validação dos modelos de medidas. Verificou-se que:

- A unidimensionalidade ficou pouco caracterizada, com 16,5% dos resíduos padronizados superando (em módulo) o valor de 2,58. O maior resíduo foi 7,81 e o menor -4,74;
- As medidas de confiabilidade dos construtos aproximaram-se do valor referencial de 0,70: a de FE foi 0,60, a de FP foi 0,63 e a de FS 0,72;
- A validade dos construtos não teve forte apoio das estimativas geradas, já que 14 indicadores (43,8%) apresentaram cargas fatoriais inferiores a 0,40, e apenas 11 indicadores (34,4%) tiveram cargas fatoriais acima de 0,50;
- As medidas de ajustamento também sugeriram uma matriz ajustada pouco próxima da matriz observada. As medidas adotadas apresentaram valores pouco satisfatórios para assegurar a composição previamente idealizada: apenas o qui-quadrado ponderado atendeu ao critério de aceite ($3,79 < 5,00$); todos os demais índices de ajustamento ficaram muito distantes dos valores referenciais (NFI = 0,39; NNFI = 0,42; CFI = 0,46; GFI = 0,70; AGFI = 0,66, RMSEA = 0,10).

Prosseguiram-se, então, com o processo de ajustamento, retirando-se do modelo individualmente os indicadores que proporcionavam menor carga fatorial no construto, relevando ainda o baixo índice de correlação múltipla ao quadrado (R^2) – neste contexto interpretado como confiabilidade da medida observada (JÖRESKOG; SÖRBOM, 1993).

A composição que apresentou a melhor aderência aos critérios estabelecidos contemplou a permanência de 11 (onze) indicadores no modelo. Esta configuração resultou na situação sintetizada na Tabela 1.

TABELA 1 – Resultados do Ajuste dos Modelos de Medidas, segundo o Método MLE do “Modelo S”

Construto	Indicador	Validade (cargas fatoriais)	Confiabilidade Composta	Unidimensionalidade	Medidas de Ajustamento
FS	IS3	0,69	0,68	93% dos resíduos padronizados inferiores, em módulo, a 2,58	$\chi^2/gl=2,55$ RMSEA=0,044 NFI=0,849 NNFI=0,867 CFI= 0,899 GFI=0,934 AGFI=0,899
	IS5	0,46			
	IS6	0,59			
	IS8	0,61			
FE	IE3	0,57	0,62	Maior resíduo: 3,04	
	IE4	0,48			
	IE7	0,52		Menor resíduo: -3,39	
	IE9	0,57			
FP	IP4	0,41	0,69		
	IP6	0,68			
	IP8	0,83			

Fonte: elaborada pelos autores.

Com esta configuração, pode-se constatar que a validade dos construtos mostrou-se melhor aceita, na medida em que as cargas fatoriais dos indicadores foram quase na totalidade superiores ou muito próximas a 0,50; a confiabilidade dos construtos apresentou índices que distaram do valor referencial (0,70) em apenas unidades centesimais; o alto índice (93%) de resíduos inferiores, em módulo, ao valor referencial de 2,58, além dos resíduos extremos ficarem pouco distantes desse limite, demonstraram uma boa condição de aceitação da unidimensionalidade; dentre as medidas de ajustamento, o χ^2/gl atendeu ao critério de aceite (abaixo de 5,00), o RMSEA ficou muito próximo do intervalo adotado (entre 0,05 e 0,08), e os índices NFI, NNFI, CFI, GFI e AGFI apresentaram-se com alto grau de proximidade do valor referencial (0,90).

Estimação do modelo integrado

Estabelecidos os modelos de medidas, passou-se a estimar o modelo integrado nulo (“Modelo S”) com outros métodos além do MLE. As técnicas de estimação WLS e GLS, comparativamente às demais, apresentaram índices de ajustamento insatisfatórios, confirmando a posição teórica de que esses métodos têm bom desempenho quando o tamanho amostral é grande – explicitamente acima de 2000 (GARSON, 2004).

Já o ajuste com o método ULS (vide tabela 2) produziu medidas que responderam adequadamente aos critérios de aceite formulados, apresentando inclusive índices de ajustamento que superaram os observados com o método MLE. Embora pouco utilizado, o método ULS não tem o forte pressuposto de normalidade multivariada do método MLE (GARSON, 2004). Assemelha-se ao método GLS, no sentido de também se focar na diferença entre covariâncias preditas e observadas. Comparando os dois métodos de estimação no caso do ULS os resíduos padronizados ficaram entre -2,12 e 1,86 e no caso do MLE, -3,39 e 3,04.

TABELA 2 – Resultados do Ajuste dos Modelos de Medidas, segundo o Método ULS do “Modelo S”

Construto	Indicador	Validade (cargas fatoriais)	Confiabilidade Composta	Unidimensionalidade	Medidas de Ajustamento
FS	IS3	0,67	0,68	100% dos resíduos padronizados inferiores, em módulo, a 2,58	$\chi^2/gf=2,55$ RMSEA=0,044 NFI=0,960 NNFI=0,994 CFI=0,992 GFI=0,934 AGFI=0,982
	IS5	0,46			
	IS6	0,59			
	IS8	0,61			
FE	IE3	0,56	0,62	Maior resíduo: 1,86 Menor resíduo: -2,12	
	IE4	0,47			
	IE7	0,53			
	IE9	0,57			
FP	IP4	0,40	0,69		
	IP6	0,69			
	IP8	0,83			

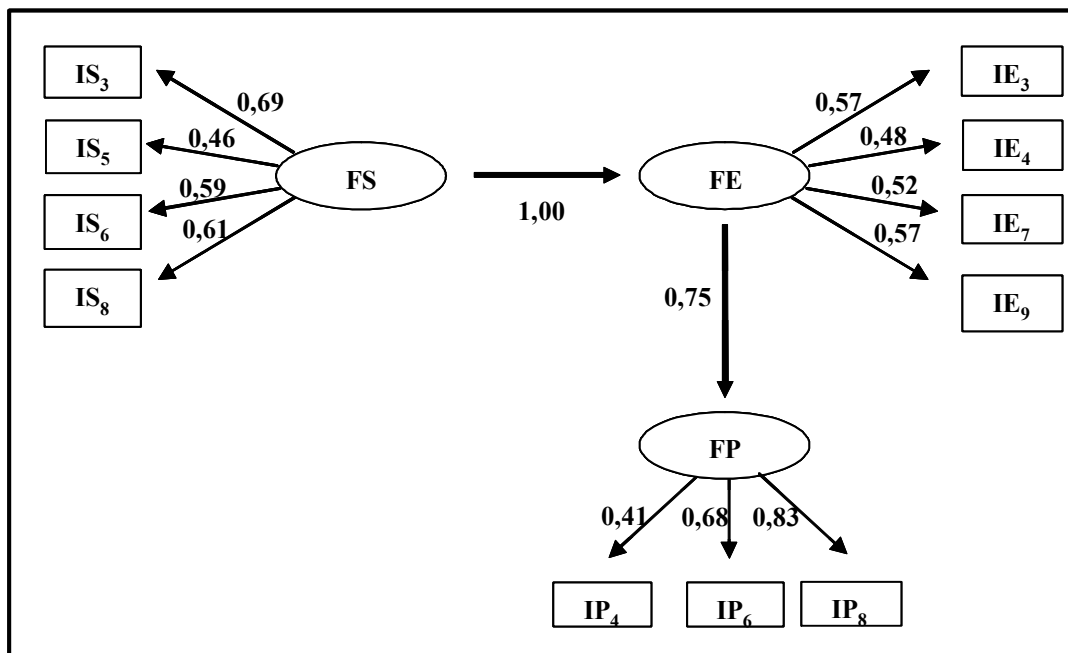
Fonte: elaborada pelos autores.

Passou-se então a aplicar as duas técnicas (MLE e ULS) para a estimação dos modelos com antecedentes econômicos (“Modelo E”) e psicológicos (“Modelo P”), obtendo-se as equações estruturais, *t-values* dos parâmetros estimados e respectivos R^2 . A verificação dos resíduos gerados também foi observada.

Os modelos, no geral, apresentaram *t-values* superiores a 1,96. Contudo, um exame dos resíduos normalizados revelou um ajuste superior para o “Modelo S” com o método ULS. O ditos resíduos foram os únicos a estarem totalmente no intervalo de -2,58 a 2,58. Nos Modelos “P” e “E” (pelos métodos de estimação ULS e MLE) os resíduos não se mostraram adequados. Assim, a escolha final do modelo causal recaiu no Modelo “S”.

A partir dessas constatações, o modelo que melhor ajustou os dados, dentre os analisados, é aquele sinteticamente representado na Figura 1.

FIGURA 1 – “Modelo S”, nulo ou de antecedentes sociais, de melhor ajuste aos dados com os constructos, indicadores e as cargas fatoriais entre eles.



Fonte: elaborada pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscou-se desenvolver um modelo teórico para a escolha de cursos de graduação em Administração de Empresas e testá-lo por meio da Modelagem de Equações Estruturais (SEM), de forma a estabelecer uma hierarquia causal entre os três constructos identificados na literatura: fatores sociais, fatores econômicos e fatores psicológicos.

Para tanto, foi criada uma escala Likert contendo 32 indicadores ou variáveis, tendo como base os três constructos e aplicou-se a escala em uma amostra de 258 alunos de cursos de Administração em quatro Instituições de Ensino Superior da cidade de São Paulo e, para a investigação das relações causais entre os constructos, foram analisados os dados dando ênfase aos índices de ajuste dos modelos e aos resíduos padronizados. Estas considerações indicaram o “Modelo S” como mais aderente e, portanto, mais explicativo. No modelo proposto, os antecedentes sociais determinam os antecedentes econômicos e estes determinam os antecedentes psicológicos. Em outras palavras, o modelo mais aderente indica os antecedentes sociais na escolha vocacional, ajustado aos dados da amostra coletada e sob a “herança social” assentam-se os motivos da opção pelo curso, com reflexos nos aspectos econômicos que acarretam, na ponta final, impactos psicológicos.

Em certo sentido, o estudo reforça as proposições de Soares-Lucchiari (1987) que sugere que a escolha de curso reflete a realidade que o sujeito está inserido. Os resultados coadunam, ainda, com a visão de Chanlat (1995), que sugere que as componentes sociais determinam as escolhas das carreiras.

Ao comparar os resultados com a literatura sobre orientação vocacional e as publicações sobre aspectos da escolha do curso, nota-se que este estudo apresenta uma contribuição nova, ou seja, apresenta uma hierarquia entre os constructos básicos apontados, pois tanto um grupo de estudos quanto o outro opta por levantar os motivos e razões sem, contudo, explorar possíveis relações causais como apresentado neste artigo.

Apesar de o modelo causal final ajustado ter ficado com apenas onze assertivas ou indicadores (IS3, IS5, IS6, IS8, IE3, IE4, IE7, IP4, IP6 e IP8), a análise atenta demonstra que estas assertivas indicam (vide quadro 1) que a escolha do curso recai, sobretudo, nas possibilidades de acessão profissional e social e nos aspectos dinâmicos que o campo de saber da Administração pode prover.

Vale ressaltar os limites do estudo, tendo em vista a opção de amostragem para esta modelagem, que caracteriza o estudo como exploratório. Pesquisas futuras poderiam ampliar a amostra, com vistas à descrição representativa da população acadêmica dos cursos de Administração.

De fato, o curso de graduação em Administração, que requer poucos investimentos para ser ofertado, tem sua imagem associada, desde sua criação, a uma carreira bem sucedida (ou com amplas possibilidades de ascensão profissional). Seu desenvolvimento caracterizou-se pela alta influência do modelo norte-americano de Administração e voltado à preparação de trabalhadores para as funções produtivas, seguindo interesses de mercado. Inseriu-se na realidade de um ensino universitário que se expandiu massivamente, como uma promessa de crescimento social a uma classe média distante do poder.

O aluno que frequenta o curso, em geral em instituições privadas e na sua maioria oriundo das classes populares (BARBOSA, 2002), herda do ensino médio o sentimento de que a escolarização é o caminho para a melhora de sua condição de vida (FREIRE, 1978). Ingressa no curso superior para tornar mais próximo seu sonho de ascensão profissional, mudança de classe. Não há indicações que opte por idealismo à profissão.

Apesar da suposta liberalidade que o indivíduo tem para a condução de sua carreira, a opção ocorre dentro de faixas restritas, que sua própria condição de vida o sujeita. Para Ferretti (1997), muitos dos jovens, “premidos pelas circunstâncias, se sujeitam a subempregos ou desempenham ocupações não especializadas e mal remuneradas, nelas ingressando ao sabor de ocorrências situacionais e não por um ato deliberado de escolha” (FERRETTI, 1997, p. 46).

O curso de Administração, nesse cenário, é reconhecido pelo como uma alternativa viável, que poderá proporcionar-lhe uma posição destacada no mundo de trabalho, por um lado oferecendo-lhe uma diversidade de áreas de atuação, e por outro acalentando seu sonho de atuação profissional independente (ter seu “negócio próprio”). Não há indicações que opte por idealismo à profissão.

REFERÊNCIAS

- BLAU, P. M. et al. Occupational choice: a conceptual framework. In: ZYTOWSKI, Donald G. (Org.). *Vocational behavior: reading in theory and research*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. cap. 10., p. 358-370.
- BOLLEN, K. A. *Structural equation with latent variables*. New York: John Wiley & Sons, 1977.
- BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRASIL. INEP. *Sinopse estatística da educação superior: graduação – 1995 a 2002*. Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse/>>. Acesso em: 24 mar. 2007.
- CARDOSO, R. C. L.; SAMPAIO, H.. Estudantes universitários e o trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)*, São Paulo, n. 26, p. 30-50, out. 1994.
- CASTANHO, G. M. P. *O Adolescente e a escolha da profissão*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- CHANLAT, J.F. Quais carreiras e para qual sociedade? (I). *RAE – Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 6, p. 67-75, nov./dez. 1995.
- CHAUÍ, M.S. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- CRITES, J.O. *Psicologia vocacional*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1974.
- CROWLEY, S. L.; FAN, X.. Structural equation modeling: basic concepts and applications in personality assessment research. *Journal of Personality Assessment*, v. 68, n. 3, p. 508-531, Jun.1997.
- FERRETTI, C. J. *Uma nova proposta de orientação profissional*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- FOLMER-JOHNSON, M. C. *Projeto pessoal de vida & trabalho: a orientação profissional na perspectiva de orientadores e orientandos*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2000.
- GARSON, G. D.. *PA765 – Statnotes: an online textbook*. Disponível em: <<http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/structur.htm>>. Acesso em: 20 maio 2004.
- GODOY, A.S.; SANTOS, F.C. dos; MOURA, J.A. de. Avaliação do impacto dos anos de graduação sobre os alunos: estudo exploratório com estudantes do último ano dos cursos de Ciências Contábeis e Administração de uma faculdade particular de São Paulo. *Revista Administração On Line*, São Paulo, v. 2, n. 1, jan./mar. 2001.
- HAIR JR., F. et al. *Multivariate data analysis*. New Jersey: Prentice Hall, 1998.
- HAYDUK, L. A. *Structural equation modeling with LISREL*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1987.
- HOLLAND, J. L. *Técnica de la elección vocacional: tipos de personalidad y modelos ambientales*. México: Trillas, 1975.
- JÖRESKOG, K.; SÖRBOM, D.. *LISREL 8: Structural Equation Modeling with the SIMPLIS Command Language*. Chicago: Scientific Software International, 1993.
- LEVENFUS, R. S.; NUNES, M. L. T. Principais temas abordados por jovens centrados na escolha profissional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002. cap. 4., p. 61-78.
- LUZ FILHO, S. S. *O que poderia ser determinante na escolha do curso de graduação: um estudo exploratório em instituições federais de ensino superior*. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2000.
- MACCALLUM, R. C.; AUSTIN, J. T. Applications of structural equation modeling in psychological research. *Annual Review of Psychology*, Palo Alto, n. 51, p. 201-226, 2000.
- MARTINS, C. R. *Psicologia do comportamento vocacional*. São Paulo: EPU – Editora Pedagógica e Universitária, 1978.
- OLIVEIRA, L. R. *Estudo do projeto de vida profissional de alunos universitários do curso de pedagogia*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2001.
- PEDHAZUR, E. J. *Multiple regression in behavioral research: explanation and prediction*. Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1997.
- PIMENTA, S. G. *Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1979.
- PFROMM NETTO, S. *Psicologia da adolescência*. São Paulo: Pioneira, 1979.

SAMPAIO, H.. *Ensino superior no Brasil: o setor privado*. São Paulo: Hucitec, 2000.

SILVA, L. B. C.. *A escolha da profissão: uma abordagem psicossocial*. São Paulo: Unimarco Editora, 1996.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. P. *O jovem e a escolha profissional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. A questão do vestibular. In: SOARES-LUCCHIARI, Dulce H. P. (Org.). *Pensando e vivendo a orientação profissional*. São Paulo: Summus, 1993. cap. 14., p. 134-140.

_____. Uma abordagem genealógica a partir do genoprofissiograma e do teste dos três personagens. In: LEVENFUS, R. S. et al. *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. cap. 9., p. 135-143.

SUPER, D. E.; BOHN JUNIOR, M. J. *Psicologia ocupacional*. São Paulo: Atlas, 1980.

UNGRICHT, J.. *Escolha da profissão, escolha da vida*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1966.

WHITAKER, D. *A escolha da carreira*. São Paulo: Moderna, 1985.